

DANIELE AUGUSTINHO GUIMARÃES

FILOSOFIA E EDUCAÇÃO RELIGIOSA CRISTÃ

CURITIBA

2013

DANIELE AUGUSTINHO GUIMARÃES

FILOSOFIA E EDUCAÇÃO RELIGIOSA CRISTÃ

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Filosofia da Educação: Ética, Política e Educação, do setor de Educação da UFPR, como requisito parcial à obtenção do grau de especialista.

Orientador: Prof. Dr. Udo Baldur Moosburger

CURITIBA

2013

FILOSOFIA E EDUCAÇÃO RELIGIOSA CRISTÃ

Por

DANIELE AUGUSTINHO GUIMARÃES

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Filosofia da Educação: Ética Política e Educação, do Setor de Educação da UFPR, como requisito parcial à obtenção do grau de especialista, sob avaliação da seguinte banca examinadora:

Prof. Dr. Délcio Junkes
Departamento de Teoria e Fundamentos da
Educação

Prof. Dr. Gelson João Tesser
Departamento de Teoria e Fundamentos da
Educação

Orientador: Prof. Dr. Udo Baldur Moosburger
Departamento de Teoria e Fundamentos da
Educação

Curitiba, Novembro de 2013

“Quando eu era menino, falava como menino, sentia como menino, discorria como menino, mas logo que cheguei a ser homem, acabei com as coisas de menino. Porque agora vemos por espelho em enigma, mas então veremos face a face; agora conheço em parte mas então conhecerei como também sou conhecido.

(1 Coríntios 13-11,12)

AGRADECIMENTOS

Ao longo desta caminhada encontrei velhos amigos, outros ainda assim se tornarão. Por esse motivo agradeço todo o conhecimento e amizade partilhada, assim como o respeito e sabedoria. Assim, reconhecendo a prodigalidade de professores e amigos, registro aqui o meu agradecimento a todos, escolhendo como seus representantes os que institucionalmente estiveram mais próximos nessa trajetória de estudo:

Professores: Prof. Dr. Udo Baldur Moosburger

Prof. Dr. Gelson João Tesser

RESUMO

O presente trabalho pretendeu analisar a base teórica conceitual da educação filosófica e religiosa cristã, visando o aprofundamento do entendimento da educação no âmbito religioso por parte das escolas públicas do Estado do Paraná. Parte-se do entendimento histórico da importância da religião para o ser humano, com base nas mudanças ocorridas na legislação da educação nos últimos anos e a diversidade religiosa existente em nossa nação, bem como a perspectiva da proposta da LDB. Dessa maneira, diante da análise das ações dos profissionais da educação, em especial o professor de filosofia, e as orientações do currículo escolar frente à necessidade do apreço a leitura de textos filosóficos, pretendemos esclarecer o que pertence a filosofia, bem como o que é parte da educação religiosa. A metodologia utilizada na elaboração desta pesquisa consiste em três partes, sendo a primeira: uma investigação bibliográfica exploratória, realizada em livros, artigos, teses e sites especializados, a fim de criar embasamento teórico sobre os temas abordados na educação religiosa dos 6º e 7º anos do ensino fundamental nas escolas públicas paranaenses. A segunda parte consiste na reflexão mais aprofundada acerca da obra de Hugo de São Vitor, obra considerada um manual para aqueles que pretendem seguir o caminho da leitura e estudos com êxito. E por fim as considerações acerca da possibilidade ou não de uma ponte de conhecimento entre a educação religiosa no ensino fundamental e a filosofia no ensino médio, como possibilidade de educação.

Palavras chave: Ensino, Filosofia, Educação.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
1 O ENSINO RELIGIOSO NAS ESCOLAS PÚBLICAS DO ESTADO DO PARANÁ	909
1.1 ENSINO RELIGIOSO.....	09
1.2 CURRÍCULO E METODOLOGIA DA CIÊNCIA DAS RELIGIÕES.....	133
1.3 QUEM PODE MINISTRAR AS AULAS DE ENSINO RELIGIOSO?.....	177
2 DA ARTE DE LER: HUGO DE SÃO VITOR.....	211
2.1 O QUE PERTENCE À FILOSOFIA.....	222
2.2 LEITURA E ESTUDO, ORDEM E MÉTODO.....	233
2.3 PARA AQUELE QUE ENSINA.....	256
2.4 A DISCIPLINA E A DEDICAÇÃO AOS ESTUDOS.....	27
3 FILOSOFIA: ENTRE O INTELECTO E O TEOLOGICO.....	29
3.1 O INTELECTO.....	29
3.2 O TEOLÓGICO.....	33
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	35
REFERENCIAS.....	38

INTRODUÇÃO

Ao examinar a relação da disciplina de filosofia e ensino religioso nas escolas do Estado do Paraná, juntamente com as diretrizes que norteiam estas disciplinas, podemos perceber muitas relações ainda difusas entre estas áreas do conhecimento. Especificamente no ensino fundamental onde a disciplina de ensino religioso é aplicada em turmas dos sextos e sétimos anos do ensino fundamental das escolas paranaenses, enquanto o encontro com a filosofia acontece a partir do ensino médio.

Trata-se, portanto de um estudo acerca dos questionamentos que estão surgindo nesta fase do aprendizado escolar e qual o posicionamento adotado pelo professor de filosofia que, ao ministrar a disciplina de ensino religioso, pode ou irá desenvolver. Até onde é possível realizar ou não as propostas que norteiam a educação básica, e o lugar do potencial de indagação desses alunos.

O objetivo principal consiste em questionar se é possível a construção intelectual e moral do indivíduo, diante da exposição de conteúdos e de valores tão plurais como propõe as diretrizes do ensino religioso.

Como foco de estudo esta monografia optou por analisar a questão a partir da leitura de Hugo de São Vitor na obra *Didascalicon Da arte de ler*, obra que servirá como base ao demonstrar o empenho acerca da leitura teológica, dos estudos e da filosofia.

Constata-se uma necessidade da compreensão do ensino religioso nas escolas, na procura de um espaço na grade curricular e na continuidade dos saberes. Essa disciplina ainda não tem um corpo docente distinto e especializado assim como acontece nas demais áreas do saber. Enquanto a filosofia é colocada como detentora das grandes indagações existenciais nas ciências humanas, pretende-se então a reflexão dessas questões sob o viés filosófico teológico.

O ensino religioso de matrícula facultativa nas escolas vem sendo ministrado por professores de diversas áreas, porém a determinação da LDB é que essa disciplina seja trabalhada preferencialmente por professores de filosofia.

Existe hoje em todo o Brasil uma grande discussão acerca do ensino religioso nas escolas uma vez que o Brasil é um país laico, o retorno dessa disciplina tem gerado inúmeras controvérsias, como o que ensinar e de que maneira ensinar.

Aproveitando esse debate percebe-se que os alunos da rede estadual só vêm a ter contato com a disciplina de filosofia no ensino médio, onde o grande desafio do professor consiste em apresentar essa disciplina e trabalhar seus conteúdos com uma carga horária reduzida e em alguns casos em blocos semestrais.

Percebendo que desde muito cedo questões filosóficas ou existenciais já são presentes no cotidiano de cada indivíduo é necessário delimitar como corresponder aos anseios destes estudantes a fim de ensinar-lhes o caminho a percorrer, sabendo no mínimo como formular perguntas com maiores chances de encontrar as respostas que procuram.

Assim “Aristóteles diz que uma coisa é perfeita quando pode gerar um seu semelhante. Ora, o saber é um certo conhecimento perfeito, daí que o homem que tem o saber possa ensinar outro.”¹

Nesse contexto a filosofia considerada por Aristóteles como ciência das causas e princípios primordiais, acabaria por identificar-se com a teologia, pois Deus seria o princípio dos princípios, uma vez que “Deus, com efeito, parece ser, para todos, a causa e princípio, e uma tal ciência só Deus, ou Deus principalmente, poderia possuí-la”.²

Sendo assim, a filosofia na forma de um saber filosófico é um conhecimento, sendo portanto possível ensinar aos indivíduos, e que dessa maneira acaba por vir de encontro ao grande questionamento da educação religiosa sobre o que ensinar e a possibilidade de ensinar valores morais.

Portanto se alguma área do saber contem tantas reflexões acerca do contexto teológico e se esta área esta tão próxima da realidade escolar e do ensino religioso a ponto de ser possível ensiná-la, essa disciplina é a filosofia. Ela participa da construção do indivíduo sobre muitos aspectos, embora seu estudo de forma regular somente se efetive a partir dos últimos anos da jornada escolar. Ainda é a filosofia, precedida da teologia, o campo vasto e fértil para a possibilidade de uma educação religiosa.

¹ AQUINO, 2004a, p. 28.

² ARISTÓTELES, 1969, p.41

1 O ENSINO RELIGIOSO NAS ESCOLAS PÚBLICAS DO ESTADO DO PARANÁ

1.1 ENSINO RELIGIOSO

O contexto escolar propicia aos alunos refletirem sobre seus conhecimentos produzidos ao longo da história, e a religião não deve estar distante desse conhecimento. Esta tem uma longa história que permeia a sua importância, como um conjunto de crenças, seja pelo sagrado ou pelo sobrenatural, na busca de religar o homem ao divino.

Isto vai desde os primitivos até as organizações religiosas mais complexas, e implica de certa forma uma submissão ao superior que controla o cosmo e a própria vida humana. Mas cada religião tem sua característica própria. Seja ela primitiva a exemplo do animismo em que se adoram objetos, ou superior como as religiões politeístas – vários deuses, panteístas – conceito de Deus, deístas e monoteístas – um Deus. Logo, ela é manifestada por ritos (oferendas e sacrifícios) ou pelo sacramento (lugares sagrados, orações preces etc.). Algumas religiões são dogmáticas (doutrinárias) e cultuais (sacerdócio, hierarquia). Cada religião forma diferentes grupos de crentes e crenças.

São muitas as doutrinas que norteiam as religiões, uma vez que suas fontes são diversas:³

- Primitivas: Animismo, Fetichismo, Politeísmo- Fonte: Tradição dos Antepassados
- Proféticas: Judaísmo, Cristianismo, Islamismo- Fonte: Palavra de Deus revelada pelos profetas
- Sapiências: Filosóficas, Hinduísmo, Budismo, Xintoísmo, Taoísmo- Fonte: Sábios iluminados
- Espiritualistas: Espiritismo, Umbanda - Revelação dos espíritos.

Na busca do transcendente, da verdade, do absoluto, a humanidade diversificou-se e assumiu as mais variadas formas religiosas.

Dessa forma, na atualidade encontramos uma gama de crenças e religiões que só vem aumentando com o decorrer dos anos. Cada representante consagrado como dirigente de cada uma delas irá realizar o seu ato sagrado, espiritual, no intuito de reaproximar o ser humano ao sagrado, remete aquela ligação perdida no ato de religação ou “ligar novamente o homem a Deus, a religião é o que liga o homem a

³ WILGES, 1986, p. 19.

Deus. “O homem vai a Deus e Deus vem ao homem.”⁴ ou ainda “*re-legere* para a palavra religião significa etimologicamente obrigação. Segundo Cícero, derivaria de re-legere: “aqueles que cumpriam cuidadosamente todos os atos do culto divino e, por assim dizer, os relíam atentamente foram chamados de religiosos.”⁵

Os fiéis são grandes seguidores de cada religião. Irineu Wilges⁶ mostra as principais religiões no mundo:

Religião	O que prega
Adventista (da Promessa; Sétimo Dia)	Acreditam em Jesus, como salvador, e no que se referem ao "advento de Cristo", é o retorno à Terra.
Budismo	É pregada pelo Buda há mais de três mil anos. Com origem na Índia, porém chegou no Brasil pelos imigrantes japoneses. Sendo o desapego é uma das características principais.
Candomblé	Cultua os orixás, tem suas cerimônias em terreiros fechados. Usam a língua africana, por meio de cantos e som de batuques.
Catolicismo	A Igreja Católica usa o batismo para considerarem-se católicos. Se reverenciam a Virgem Maria e aos santos. Sendo a missa o principal liturgia e a eucaristia é seu ponto culminante.
Cientologia	Acreditam na imortalidade. Mesclados pelas técnicas psicoterápicas e doutrina budista.
Espiritismo	Acreditam na vida após a morte e na reencarnação sucessiva até atingirem a sua perfeição. E Allan Kardec é o expoente da religião.
Hinduísmo	Tem-se uma reunião de valores, filosofias e crenças, derivadas de diferentes povos e culturas.
Islamismo	Crê em Alá e nos ensinamentos de Maomé, são muçulmanos e usam o Alcorão. Islã significa obediência a Alá.
Judaísmo	Usam o livro sagrado Torá, onde se tem a base da religião.
Messiânica	Seu objetivo é construir um local eliminando todo o mal da sociedade, como doenças, fome e guerras.
Movimento Hare Krishna	Tem característica hinduista. Não comem carne, não bebem e nem fumam. Nele os homens raspam o cabelo e carregam um rosário de 108 contas.
Movimento Sannyasin de	Filosofia do guru zen, nascido na Índia, é cheia de alegria pela vida e tem um sentimento de celebração.

⁴ WILGES, 1986, p. 5.

⁵ ABAGNANO, 2003, p. 847.

⁶ WILGES, op. cit., passim.

Osho Rajneesh	Prega a busca da liberdade através da meditação.
Santo Daime	É um chá que provoca alucinações e visões místicas que livra o corpo e a alma das impurezas, e abrindo caminho para a comunicação com os antepassados.
Satanismo	Sugere varias interpretações. De maneira geral rejeita Cristo, os dogmas e coloca o homem como deus de si mesmo.
Seicho-no-ie	Coloca que o ser humano é filho de Deus, acreditam que todas as religiões são salvadoras emanados de um único Deus.
Taoísmo	Usa yin e yang em equilíbrio pelo invisível e onipresente.
Testemunhas de Jeová	Adotam o cristianismo primitivo, pregando de porta em porta. Usam a Bíblia como referência.
Umbanda	Crenças e rituais africanos e europeus. Usam o candomblé uma de suas raízes.
Wicca	Religião neopagã, amam a natureza e cultuam a Deusa e o Deus. Usam magias e rituais.
Xamanismo	Espiritualização em conjunto de crenças ancestrais, promovendo cura de vários males.
Xintoísmo	Considera que os espíritos dos antepassados também são divindades. Pregam a relação familiar.

Esta diversidade religiosa faz com que cada seguidor se identifique e busque seus ensinamentos para si.

É marcante no Brasil a diversidade cultural existente. Isto se dá pelos acontecimentos históricos ocorridos ao longo dos anos. Inicialmente tinha-se a religião Indígena, com a colonização veio a religião católica no período da catequização e com a escravidão, surgiu também a religião afro-brasileira. Não se pode deixar de lado que com a imigração, vieram também novas religiões e crenças, ampliando número de seguidores e adeptos de determinadas religiões.

A cada ano que passa novas igrejas ou templos se abrem. No Brasil existem mais de vinte religiões, ao passo que, a população procura uma religião a qual ela se identifica.⁷

1. Católica Apostólica Romana; Católica Apostólica Brasileira; Assembléia de Deus; Quadrangular; Universal do Reino de Deus; Budista; Espírita/ Kardecista; Congregação Cristã do Brasil; Pentecostal; Adventista do Sétimo Dia; Testemunho de Jeová; Pentecostal Deus é Amor; Luteranas;

⁷ NERI, 2011.

Comunidades Evangélicas; Presbiteriana; Umbanda; Pentecostal Metodista; Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias/Mormos; Assembléia de Deus de Madureira; Candomblé; Tradições esotéricas; Judaísmo; Pentecostal Igreja do Nazareno; Renovada; Ortodoxa Cristã; Católica Ortodoxa; Missão Menonita; Exército da Salvação; Hinduísmo; LBV/Religião de Deus; Indígenas; entre outras. Diante disso, pode-se afirmar que o Brasil possui uma diversidade religiosa muito ampla.

Antoniazzi traz o Censo de 2000, mostrando a preferência religiosa pela população.⁸

- a diminuição da porcentagem dos católicos, de 83,8% (1991) para 73,8% (2000); em números absolutos, os católicos aumentam de 121,8 milhões (1991) para 125 milhões (2000);
- o aumento da porcentagem dos evangélicos, de 9,05% (1991) para 15,45% (2000); em números absolutos, de cerca de 13 milhões para 26 milhões;
- o aumento dos que se declaram “sem religião”, que passam de 4,8% da população (1991) para 7,3% (2000), ou de 7 milhões para 12,3 milhões.

Mas o autor relata que esses dados surgiram diante de poucos dados, o que pode fragilizar o seu resultado. E complementa que essa pesquisa é para nível nacional, havendo diferenças em cada estado.⁹

A porcentagem dos Católicos é mais alta no Nordeste (Piauí, 91,3%; Ceará, 84,9%; Paraíba, 94,2%; Maranhão, 83%) ou em Minas Gerais (78,8%) e mais baixa no estado o Rio de Janeiro (57,2%), Rondônia (57,5%) e Espírito Santo (60,9). As porcentagens dos evangélicos são mais altas em Rondônia (27,7%), Espírito Santo (27,5%), Roraima (23,6%), Rio de Janeiro (21%), Goiás (20,8%), Acre (20,4%). As porcentagens de “sem religião” são mais altas no Rio de Janeiro (15,5%), Pernambuco (10,9%), Bahia (10,2%), Espírito Santo (9,7%), Mato Grosso do Sul (8,5%), Goiás (7,9%).

A preferência religiosa fica evidente em alguns estados. No espaço escolar também ocorre a preferência, o que fica nítida a diversidade religiosa. Logo, o ensino religioso se vê em um grande paradoxo: o que ensinar e como ensinar? Qual a possibilidade de analisar diferentes pontos de vista muitas vezes com valores contraditórios para indivíduos nesta fase escolar? Tais questões levantam as reflexões e posteriores conclusões ao longo deste trabalho.

Assim, percebemos que as religiões no Brasil aumentam a cada dia assim como também se torna relevante o aumento populacional e com ele vem a violência, as dificuldades, as competições pelo mercado de trabalho, enfim, ocorrem grandes mudanças e grandes transformações da sociedade.

⁸ ANTONIAZZI, 2013, p. 75.

⁹ Ibid., p. 76.

A população em geral procura uma religião que faça sentido a ela, que de certa forma dê respostas a seus questionamentos, dê um apoio e conforto ao seu estado de espírito.

Deste modo, a religião passa a fazer parte do indivíduo, ou seja, torna-se algo que faz parte de sua vida de seus valores. O que de certa forma nos leva ao entendimento acerca da diversidade de ideias e ideais.

1.2 CURRÍCULO E METODOLOGIA DA CIÊNCIA DAS RELIGIÕES

Segundo as diretrizes curriculares, a disciplina de Ensino Religioso esteve presente em vários momentos da educação brasileira. Nos momentos históricos assumiu diferentes papéis legais e pedagógicos até adquirir o caráter atual. No Estado do Paraná a disciplina passou por debates, simpósios e estudos juntamente com professores, os quais foram encaminhados ao Conselho Estadual de Educação. “Em 10 de fevereiro de 2006, o mesmo Conselho aprovou a Deliberação n. 01/06, que instituiu novas normas para o Ensino Religioso no Sistema Estadual de Ensino do Paraná”.¹⁰

A partir de então a disciplina de ensino religioso tinha novamente sua presença no currículo escolar. No entanto muitas discussões e debates juntamente com a comunidade, professores e setores da educação se fizeram necessários, uma vez que questões sobre o que ensinar, de que forma ensinar e quem poderia ensinar ainda não estavam bem definidas.

Ser professor não é tarefa fácil, especialmente se for professor de ensino religioso, onde se tem uma proposta pedagógica diferenciada, abordagens diversificadas, currículo ainda sob muitas críticas e a necessidade de tato e bom senso para atender as especificidades da disciplina e dos indivíduos. Enfim, é preciso ser um professor conhecedor de sua área e saber desenvolvê-la em prol do ensino e da aprendizagem do educando, com conteúdos condizentes com a realidade do mesmo.

Ao pensar em metodologia do ensino da religião, é preciso pensar no profissional que desenvolverá o trabalho docente. Pois, somente um profissional de

¹⁰ SEED, 2008a, p. 44.

sua área específica saberá usar a metodologia diferenciada e adequada no seu fazer pedagógico.¹¹

O desenvolvimento de uma metodologia pedagógica que tenha como objetivo repensar o papel do professor e do aluno no processo de ensinar e aprender deve ser constantemente revisado e atualizado. Para que o processo de ensino-aprendizagem, bem como o de avaliação, seja eficaz deve-se levar em consideração o processo de reflexão sobre as experiências individuais de cada participante juntamente com a abordagem teórica das metodologias pedagógicas, as quais conduzirão ao autodesenvolvimento, à aprendizagem colaborativa e às aulas com maior interação entre professor e alunos.

O professor está em constantes indagações sobre o que ensinar e como ensinar, independente de sua formação. Visto que muitas vezes se vê diante de temas ou disciplinas correlatas e currículos diferenciados, assim o profissional se vê consciente de que sua formação não termina após o banco das faculdades e/ou universidades: a formação é contínua e também adquirida por meio da experiência da sala de aula.

Logo, analisar estas questões com os educadores é uma tarefa imprescindível para que haja uma possível transformação da realidade educacional, preparando assim indagações como: Como será que eles se vêm diante do atual sistema de ensino da rede pública estadual? Onde colocar o ensino religioso como disciplina escolar? Em que fundamentação teórica se baseia sua formação dentro do processo ensino aprendizagem dentro dessa área do conhecimento?

Verifica-se assim que com essas indagações os educadores necessitam refletir acerca das ações e resultados da formação continuada em ensino religioso proporcionada em encontros promovidos no estado, para que reflitam os seus conteúdos, se estes são adequados a esta fase do educando e assim se obtenha uma fundamentação teórica que fomente discussões e conflitos, mas que seja capaz de provocar mudanças positivas na vida pessoal e profissional de seus alunos, pois procuram estudar mais em busca de compreender e melhorar o processo de aprendizado.

Diante disso o ensino religioso no Paraná possui suas especificidades e controvérsias. Reconhece-se a importância de se trabalhar a educação religiosa em

¹¹ Cf. MAIA et al., 2013, p. 2.

sala de aula, mas o pluralismo acaba por conturbar essa educação. Segundo a proposta do caderno pedagógico adotado para a disciplina¹²:

O Ensino Religioso deve proporcionar o conhecimento de diferentes das manifestações religiosas, de forma que contribua na apropriação dos saberes sobre as organizações religiosas nas diversas culturas. Entendendo que o cidadão é constituído por diferentes culturas e a religião é uma dela.

Dessa forma, o trabalho do professor segue um contexto metodológico proposto por diversos autores e pensadores da pedagogia e do método de ensino que podem variar de acordo com a metodologia adotada por cada instituição.

No entanto, para Cis,¹³ antes de pensar nos métodos a serem inseridos na prática, deve-se pensar na seleção dos conteúdos:

- Os mais significativos dentro do campo de conhecimentos;
- Os que despertam maior interesse dos alunos;
- Os mais adequados ao nível de maturidade e adiantamento do grupo;
- Os mais úteis em relação à resolução de situações problemas que o estudante tenha que resolver;
- Os que podem ser aprendidos dentro das limitações do tempo.

Cis coloca os critérios para a seleção dos conteúdos¹⁴:

- a) Validade: representativos e atualizados;
- b) Flexibilidade: devem estar sujeitos a modificações, adaptações, renovações e enriquecimentos;
- c) Significação: os conteúdos estejam relacionado às experiências do aluno/a;
- b) Possibilidade de elaboração pessoal: refere-se à recepção, assimilação e transformação da informação pelo próprio aluno/a. De acordo com esse critério o aluno poderá associar, comparar, compreender, organizar, criticar e avaliar o novo conteúdo;
- e) Utilidade: uso dos conhecimentos em situações novas;
- f) Realismo: deve-se selecionar conteúdos que possam ser aprendidos dentro das limitações de tempo e recursos disponíveis.

Finalizando, Cis¹⁵ sugere os métodos: trabalhos em grupos; os métodos de exposição pelo professor (método tradicional, precisa de ilustração para melhor

¹² BIACA et al., 2006, p. 18.

¹³ CIS, 2013, p. 13.

¹⁴ Ibid., p. 14-15.

compreensão); métodos de trabalho independente (dirigida e orientada pelo professor em laboratórios); técnicas de perguntas e respostas (usar perguntas restritas e abertas); técnica de solução de problemas (resolver por meio de problemas); visita de campo; método de ditado e fascículo; Métodos de recursos humanos (palestrantes); métodos de discussão (diálogo e partilha).

O autor complementa que há duas divisões de métodos:¹⁶

Métodos Centrado no Aluno: Demonstrativo; Método de discussão; Método de tarefa ou projeto; Método de Visita de Campo; Método de pergunta e resposta.

Métodos Centrado no Professor: Exposição; Ditado; Método de recursos humanos.

Sempre o docente utiliza os dois métodos de ensino em sua prática. Cis coloca que há dois tipos de métodos:¹⁷

Métodos tradicionais: Exigem um comportamento passivo do aluno. Muitas vezes o professor é como o possuidor do poder que deve ser transmitido ao estudante a quem se considera vazio e que precisa de encher a sua mente. Métodos modernos: Consideram o desenvolvimento natural do aluno e a necessidade de aprendizado ativo, participante e de descobertas. Isto precisa de todos os sentidos: ver, ouvir, tocar, sentir, experimentar e até provar se for possível.

Os métodos modernos, como o nome diz, são os novos, logo, são os mais utilizados.

Biaca¹⁸ sugere que se complemente no trabalho dessa disciplina com o estudo sobre a Declaração dos Direitos Humanos inicialmente, para que o aluno tenha conhecimento e saiba respeitar o próximo, trabalhar também a diversidade cultural e inserir a diversidade religiosa existente partindo da sala de aula, explorando o conhecimento.

Portanto o encaminhamento proposto tanto pelas diretrizes e também por parte de alguns autores é levar o aluno ao exercício do respeito à diversidade religiosa, seus lugares sagrados, fazendo uso de textos sagrados orais e escritos, complementando com o estudo das diferentes organizações religiosas, com seus símbolos, ritos e festas, inclusive sobre os rituais no que dizem respeito à vida e a morte.

¹⁵ CIS, 2013, p. 16.

¹⁶ Cf. CIS, 2013, p. 24.

¹⁷ Ibid., p. 2.

¹⁸ BIACA et al., 2006, p. 24.

Dessa forma, muitos estudiosos concordam que assim como as demais áreas do conhecimento, o ensino religioso deve proporcionar não apenas a informação educacional, mas a sua formação como cidadão para intervir na sociedade, transformando-a.

Compreender a sociedade como um todo é fundamental, seus valores, suas crenças, suas culturas, enfim, sua condição de vida. O ensino religioso pode proporcionar isso desde que sua proposta seja repensada, pois mesmo aqueles que se dedicam ao estudo dessa disciplina acabam por confundir a diversidade cultural com a diversidade moral. É bem verdade que é necessário que o aluno compreenda-se imerso em uma sociedade com indivíduos diferentes uns dos outros, porém o caráter moral não muda. Esse deve ser procurado com sabedoria.

1.3 QUEM PODE MINISTRAR AS AULAS DE ENSINO RELIGIOSO?

Segundo o Conselho Estadual de educação de Ensino Religioso, somente professores com licenciatura em Ciências Humanas podem se inscrever para o processo de seleção de professores da disciplina, que acontece anualmente para a contratação temporária de professores através do processo de seleção simplificada ou ainda nas distribuições de aulas internas de cada escola:

Constatada a existência de uma regulamentação para a disciplina, atento aqui para o fato de a filosofia estar entre uma das primeiras disciplinas mencionadas como aptas ao trabalho com o ensino religioso. Como consequência, um grande número de professores com formação em filosofia atua na regência da educação religiosa.

O Conselho Nacional de educação em resposta a questão, também esclarece quais as prerrogativas necessárias ao professor dessa disciplina.¹⁹

Pode-se compreender que qualquer pessoa, religiosa ou agnóstica, deva conhecer os episódios maiores da vida de Jesus Cristo e de outros líderes religiosos, e muito do conteúdo de suas mensagens, pelo fato de ter tido acesso à nossa tradição cultural, reforçado pela sua ética religiosa - seria, como qualquer outro professor, credenciado pelo Estado através de concurso ou outra forma de atribuições de aula. Desse ponto de vista, nunca seria representante oficial de uma das religiões existentes no país.

¹⁹ Cf. MEC, 2013, p .2.

Ao fazer menção da tradição cultural, entende-se que o contexto histórico do qual a educação faz parte sempre foi permeado de conhecimento religioso. Ainda que uma pessoa em dado momento se declare agnóstica, sua opção por assim dizer, se fez dentro do espaço de sua liberdade e com o conhecimento ou não das vertentes religiosas de seu país e de sua cultura.

A LDB, Artigo 33, salienta sobre o ensino religioso:²⁰

Art. 33º O ensino religioso, de matrícula facultativa, é parte integrante da formação básica do cidadão e constitui disciplina dos horários normais das escolas públicas de ensino fundamental, assegurado o respeito à diversidade cultural religiosa do Brasil, vedadas quaisquer formas de proselitismo. (Redação dada pela Lei nº 9.475, de 22.7.1997).

Seja permitida aqui uma apresentação detalhada acerca do conteúdo disposto pela SEED como base curricular. A lista é extensa mas ao apresentá-la aqui pretende-se expor de maneira mais clara os problemas que ela envolve:²¹

a) 5ª Série/ 6º Ano:

I. Respeito à Diversidade Religiosa (Instrumentos legais que visam assegurar a liberdade religiosa)

* Declaração Universal dos Direitos Humanos e Constituição Brasileira: respeito à liberdade religiosa.

* Direito a professar fé e liberdade de opinião e expressão;

* Direito à liberdade de reunião e associação pacíficas;

* Direitos Humanos e sua vinculação com o Sagrado;

II. Lugares Sagrados (Caracterização dos lugares e templos sagrados: lugares de peregrinação, de reverência, de culto, de identidade, principais práticas de expressão do sagrado nestes locais):

* Lugares na natureza: Rios, lagos, montanhas, grutas, cachoeiras, etc.;

* Lugares construídos: Templos, Cidades sagradas, etc;

III. Textos Oraís e Escritos – Sagrados (ensinamentos sagrados transmitidos de forma oral e escrita pelas diferentes culturas religiosas):

*Literatura oral e escrita (cantos, narrativas, poemas, orações, etc.).

Exemplos: Vedas – Hinduísmo, Escrituras Baháís – Fé Baháís, Tradições oraís Africanas, Afro-brasileiras e Ameríndias, Alcorão – Islamismos, etc.

IV Organizações Religiosas (as organizações religiosas compõem os sistemas religiosos organizados institucionalmente. Serão tratadas como conteúdos, destacando-se as suas principais características de organização, estrutura e dinâmica social dos sistemas religiosos que expressam as diferentes formas de compreensão e de relações com o sagrado).

*Fundadores e/ou líderes religiosos:

*Estruturas Hierárquicas:

Exemplos de organizações religiosas mundiais e regionais: Budismo (Sidarta Gautama), Confucionismo (Confúcio), Espiritismo (Allan Kardec), Taoísmo (Lao Tse), etc.

b) 6ª Série/ 7º Ano:

²⁰ LDB 9394/96. Seção III Art 33 paragrafo único.

²¹ SEED, 2008a, p. 60-65.

I. Universo Simbólico Religioso (os significados simbólicos dos gestos, sons, formas, cores e textos).

III. Nos Ritos;

V. Nos Mitos;

V. No cotidiano;

Exemplos: arquitetura religiosa, mantras, paramentos, objetos, etc.

II. Ritos (são práticas celebrativas das tradições/manifestações religiosas, formadas por um conjunto de rituais. Podem ser compreendidos como a recapitulação de um acontecimento sagrado anterior, é imitação, serve à memória e a preservação da identidade de diferentes tradições/manifestações religiosas e também podem remeter a possibilidades futuras a partir de transformações presentes):

*Ritos de passagem;

*Mortuários;

*Propiciatórios;

*Outros.

Exemplos: dança (xire) – Candomblé, Kiki (kaingang – ritual fúnebre), Via sacra, Festejo indígena de colheita, etc.

III. Festas Religiosas (são os eventos organizados pelos diferentes grupos religiosos, com objetivos diversos: confraternização, rememoração dos símbolos, períodos ou datas importantes).

*Peregrinações, festas familiares, festas nos templos, datas comemorativas.

Exemplos: festa do dente sagrado (budismo), ramada (islâmica), kuarup (indígena), festa de iemanjá (afro-brasileira), pessach (judaísmo) etc.

IV. Vida e Morte: as respostas elaboradas para vida além da morte nas diversas tradições e manifestações religiosas e sua relação com o sagrado.

*O sentido da vida nas tradições/manifestações religiosas;

*Reencarnação;

*Ressurreição – ação de voltar à vida;

*Além Morte;

*Ancestralidade – vida dos antepassados – espíritos dos antepassados se torna presentes;

*Outras interpretações.

Diante desta proposta de conteúdos heterogêneos e contraditórios cabem as seguintes observações:

Todo ser humano deve respeitar seu semelhante, essa é a premissa para o respeito à diversidade religiosa na releitura do disposto no artigo I da Declaração Universal dos direitos humanos onde se lê: “Todas as pessoas nascem livres e iguais em dignidade e direitos. São dotadas de razão e consciência e devem agir em relação umas às outras com espírito de fraternidade.”²² Mas, para tanto o indivíduo necessita conhecimento acerca do conceito moral, acerca do respeito e dignidade. Ora, a moral é de ordem prática, logo se o educando desconhece o conceito e diante de si tem práticas controversas, não irá aprender.

O respeito à liberdade religiosa só é possível àqueles que antes aprenderam a respeitar a si mesmos, pois embora o professor possa discorrer em sala de aula

²² DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS, 2013.

acerca deste tema dificilmente terá êxito sem que o aluno tenha consigo uma base de compreensão acerca do amor e respeito à sua humanidade.

Outro fator da problemática do ensino religioso é devido à carga horária da disciplina que tem uma aula semanal podendo variar de 40 a 50 minutos. Uma proposta com tamanha pluralidade de conceitos, valores, ritos e características, acaba por transmitir de forma superficial o conteúdo, o que pode ser arriscado quando se trata de conceitos de valores morais dessa gama de religiões, podendo gerar más interpretações e distorções, causando o efeito inverso da proposta. Ao invés de respeito à diversidade podemos gerar mais preconceitos.

A prática religiosa pode ser oral ou escrita,²³ de forma que muitos cantos, mantras e ritos ao serem imitados em sala de aula se confundem com o próprio ato religioso, gerando conflitos entre educando, professores e familiares.

De forma que é muito comum a crítica dos pais e dos próprios alunos acerca de demonstrações de rituais que alguns não desejam assistir, pois consistem em valores antagônicos que por fim ferem até mesmo a pessoa do educando. Além disso, o fator facultativo não vem resolvendo essa problemática, pois muitas escolas - a maioria - não proporcionam outras atividades como opção para aqueles que não participam das aulas de ensino religioso. Ou ainda, deixam o aluno em bibliotecas realizando extensas cópias de textos diversos, o que leva o educando a desmotivar-se e assim frequentar as aulas de educação religiosa como fuga de tais tarefas.

Outra contradição está no aspecto da magia presente em algumas tradições. O caráter da magia consiste na manipulação do outro, em envolver e manipular pessoas e circunstâncias a favor daquele que esta invocando as forças da natureza ou dos espíritos dos mortos conforme nos traz o caderno pedagógico do ensino religioso²⁴:

Máscaras: bastante utilizada em rituais, evocam características e energias dos seres que representam [...] A partir da reflexão coletiva sobre este texto, os educandos podem: confeccionar máscaras. Cada educando escolhe um animal de sua preferência e elabora a sua máscara.

Assim o caráter mágico é apresentado aos educandos, como em várias outras passagens da obra, deixando uma lacuna entre a ética e o respeito a liberdade e responsabilidade de nossas ações.

²³ BIACA et al., 2006, p. 22.

²⁴ BIACA et al., 2006, p. 71.

2.0 DA ARTE DE LER: HUGO DE SÃO VITOR

A obra de Hugo de São Vitor data do século XII. Embora escrito sob a tradição medieval *Da arte de ler* é uma obra de leitura dos círculos literários atuais. Trata-se do tema específico acerca da leitura de obras sagradas e filosóficas, mas através dela o autor revela os passos para se alcançar a sabedoria.

Eventualmente pesquisadores e professores costumam perguntar “Para que serve a educação? Para onde você, jovem, quer ir mediante o estudo e a leitura? Para onde um professor de então e de hoje quer levar o aluno pelo ato de ensinar?”²⁵ A resposta do mestre Hugo revela que a educação requer alguns princípios, sendo estes ordenados e disciplinados a fim de que se alcance o êxito na procura pelo saber.

Nesse contexto a Sapiência²⁶ deve ser procurada de forma primordial, uma vez que ela revela o princípio de todos nós, e uma vez conhecendo-a estaríamos conhecendo nossa origem cumprindo com famosa frase do templo “Conhece-te a ti mesmo”. Podemos relacionar essa busca do conhecimento de si mesmo e da origem do mundo aos princípios fundamentais senão de todas, ao menos da maioria das religiões no mundo, uma vez que a obra de Hugo de São Vitor irá tratar tanto da leitura das escrituras como também de leituras seculares, assim:²⁷

A alma, com efeito, conhece os elementos e as coisas que derivam dos elementos, pois pela inteligência compreende as causas invisíveis das coisas, e pelas impressões dos sentidos recolhe as formas visíveis das coisas corpóreas. Dividida, ela reúne o seu movimento em dois círculos, pois seja que pelos sentidos ela se volte para as coisas sensíveis, seja que pela inteligência ascenda às coisas invisíveis.

A convicção acerca da alma que move o ser é aceita e reconhecida através da filosofia platônica por boa parte de filósofos. Também é tema recorrente nas religiões, fato que mais uma vez aproxima a filosofia e a educação religiosa. Enfim questões que envolvem todos os problemas da vida humana como a existência ou não de um Deus ou de vários deuses, entidades espirituais e a relação com um

²⁵ MARCHIONNI, 2001, p. 14.

²⁶ Ibid.p. 10. Segundo o tradutor da obra Antonio Marchionni para a língua portuguesa, essa Sapiência refere-se à mente divina ou à mente de Deus. Se nossa mente é iluminada pela Sapiência, logo alcançamos a sabedoria através do conhecimento da forma boa do mundo e do homem, ou seja do bem perfeito. “Conhecendo-a conhecemos a nós mesmos.”

²⁷ HUGO DE SÃO VITOR, 2001, p. 49.

mundo espiritual e sagrado vem a ser um questionamento que impera na busca de um sentido para a vida, mas também para a morte.

Segundo Hugo de São Vitor “somos reerguidos pelo estudo, para que conheçamos a nossa natureza e aprendamos a não procurar fora de nós aquilo que podemos encontrar dentro de nós”.²⁸

Sendo assim a leitura é o início do saber e a filosofia se inicia através da leitura onde através dos sentidos e da razão alimentamos a alma acerca da busca pela verdade. Assim Pitágoras preferiu ser chamado de filósofo a sábio,²⁹ pois mesmo que alguém busque com afinco a verdade, descobrira pouco daquilo que de forma profunda ela realmente é.

Mas diante da proposta de educação religiosa atual, como será possível seguir o caminho proposto por Hugo. Por sabermos que os textos filosóficos são vastos, cabe ao professor em aulas de ensino religioso relacionar as obras e fragmentos mas apropriados diante das temáticas, ainda assim estaria de acordo com as propostas pelas diretrizes do estado? Nesse contexto verifica-se a necessidade da reflexão acerca do que de fato se ensina ou daquilo que deveria ser ensinado.

2.1 O QUE PERTENCE À FILOSOFIA

Quando nos deparamos em debates acerca do currículo escolar, muitas são as indagações sobre o que ensinar. Mesmo dentro de disciplinas já consolidadas isso se faz presente. Mas percebe-se tais indagações ainda maiores quando o tema é filosofia e religião. Alia-se a isso o fato de ambas terem seu retorno ao currículo nos últimos anos.

De acordo com Hugo de São Vitor “[...] a filosofia é a disciplina que investiga exaustivamente as razões de todas as coisas humanas e divinas.”³⁰ Se a filosofia, como já foi dito anteriormente, é a busca pela sabedoria e esta requer o uso da razão que é dádiva dos homens, consiste no contexto filosófico a maior parte do labor na busca do entendimento teórico acerca das coisas inteligíveis.

²⁸ HUGO DE SÃO VITOR, 2001, p. 51.

²⁹ Ibid., p. 51.

³⁰ Ibid., p. 59.

As questões humanas e divinas florescem ao longo da vida de cada indivíduo e persistem durante muito tempo. A cada instante diante dos fatos corriqueiros do cotidiano de cada pessoa, questões morais voltadas à ideia do bem e do mal permeiam noticiários, jornais revistas, cultura e educação.

No entanto o caráter moral institucional da religião cristã é visível em nosso meio, de forma que até mesmo as mudanças nas leis que regem o nosso país acabam por esbarrar nos dogmas da igreja e na fé das pessoas. Como exemplo temos as questões acerca do aborto, contraceptivos e pesquisas com células tronco.

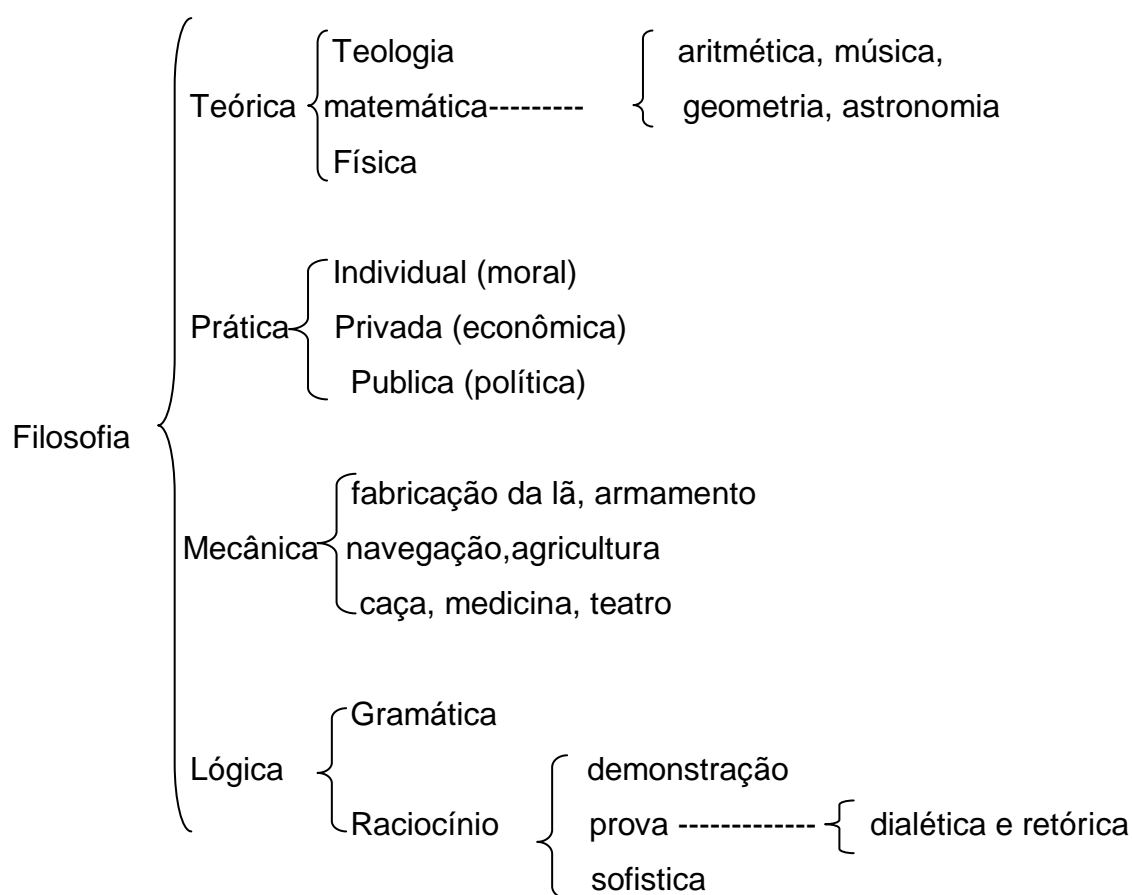
Sendo assim há um consenso quando Hugo de São Vitor, afirma que “duas coisas existem no homem, o bem e o mal, a natureza original e sua depravação.”³¹ De fato podemos constatar a necessidade do resgate da integridade da natureza humana através da educação. A possibilidade desse resgate para Hugo se dá através do conhecimento e da virtude. Ora, qual melhor disciplina para a procura do conhecimento senão a filosofia e qual o melhor meio de se alcançar a virtude senão pela sapiência?

2.2 LEITURA E ESTUDO, ORDEM E MÉTODO.

Em seu tempo Hugo de São Vitor dedicou-se a relacionar de maneira especial das principais disciplinas as quais considerava mais importantes para o chamado programa de ensino. Segundo ele qualquer um que a princípio as conhecesse profundamente, chegaria aos demais conhecimentos. Nos dias atuais temos estabelecido da mesma forma programas para a organização do conhecimento ao longo da vida acadêmica. Porém a grande marca de Hugo de São Vitor está no trabalho como parte do saber filosófico como apresentado no esquema a seguir:³²

³¹ HUGO DE SÃO VITOR, 2001, p. 59.

³² Ibid., p. 17.



Chamamos a atenção para a parte da Lógica, que inclui a gramática e o raciocínio. Percebemos que o conhecimento da arte de escrever e também da arte de argumentar estão entre as ciências indispensáveis ao conhecimento, não somente daquele período, mas ainda na atualidade. Assim ele lembra:³³

Por essa razão acontece que naqueles tempos o número de sábios era tal, que eles escreviam mais livros de quanto nós poderíamos ler. Mas os nossos alunos ou não querem ou não sabem manter um método adequado de aprendizagem, e por isso encontramos muitos estudantes, mas poucos sábios.

Percebemos na atualidade que muitos dos currículos e metodologias das quais se ocupam vastos documentos e páginas colocam o professor como mediador do conhecimento. No entanto existem alguns princípios básicos para a aquisição do saber segundo Hugo de São Vitor quais sejam, saber o que se deve ler, em que ordem se deve ler e como se deve ler, de forma que se a leitura é associada ao saber, o grande desafio do professor da área de ciências humanas é despertar nos

³³ HUGO DE SÃO VITOR, 2001, p. 139.

educandos o desejo e a necessidade da leitura, não somente da literatura presente nos programas da língua portuguesa, mas também o contato com textos e obras filosóficas. No entanto, a motivação do conhecimento é algo que deveria ter sido iniciado anteriormente ao momento do qual tratamos, ou seja, 6º e 7º anos do ensino fundamental até os anos finais do ensino médio.

A motivação requer muito mais do que projetos assistenciais. Embora tenham sua importância, não devem ser os únicos motivadores para a permanência da criança na escola. Um exemplo é a família, que tem sua função primeira na base da formação do indivíduo. Ora a família e os casamentos são alvos de uma demanda de novas concepções da chamada modernidade líquida. “No estágio líquido da modernidade, só são fornecidos arreios com zíper, e o argumento para sua venda é a facilidade com que podem ser usados pela manhã e despidos à noite (ou vice-versa)”,³⁴ sendo que através da prática de relações sem compromissos ou laços afetivos instáveis e fragilizados entre indivíduos cada vez mais jovens, o resultado já é visto através do desafeto com que muitos tratam seu semelhante.

A prática da leitura e dos estudos requer o empenho de todos os envolvidos na formação do indivíduo. Assim como não basta o Estado trabalhar com políticas públicas camufladas para a redução do índice de reprovação, também não cabe ao professor aprovar alunos sob a pressão do IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica).

Chega-se então até o desafio do professor de filosofia do ensino médio que recebe esse aluno sem a motivação necessária para quem inicia os estudos, e assim o professor deverá trabalhar os conteúdos da filosofia com duas aulas semanais de 50 minutos ao longo dos três anos deste curso. Se a princípio os alunos, em sua grande maioria, tem somente nesse momento seu encontro com a disciplina, e raros são os casos em que o hábito da leitura é característico, o gosto e o entendimento de textos filosóficos ficam comprometidos pelo falta da mesma.

2.3 PARA AQUELE QUE ENSINA

Quanto ao professor de filosofia, na oportunidade das aulas de ensino religioso, se percebe um conflito diante da proposta da LDB para a educação. Diante

³⁴ BAUMAN, 2000, p. 151.

dos encaminhamentos dados para abordar as temáticas religiosas muitos professores adotam o uso de ferramentas interativas a fim de facilitar a visualização de ritos e símbolos. No entanto a interpretação dessas imagens, quando não detalhadas pelo professor, podem vir a ser presa das aparências e ainda concorrer com a leitura propriamente. Um exemplo é o vídeo “Exu 7 facadas” exibido em um programa da TV Record e disponível na internet. A reportagem, num primeiro momento, procura informar os telespectadores acerca dos ritos do candomblé, mas depois as palavras do Pai de Santo incorporado pela entidade do Exu revela que gosta mesmo é do estrago, do mal, pois a pessoa de muita caridade, bondade, não sabe o que faz. Tal preceito é parte da proposta de ensino presente nos cadernos pedagógicos da SEED Pr³⁵ a exemplo da xire:³⁶

[...] no culto do Candomblé, em que a música é o elo de ligação entre os Orixás e os seus filhos. Como em tudo o mais, o Xiré ou Siré tem também o seu preceito e existe não só uma ordem a respeitar para convocar os Orixás, como existem palavras e saudações específicas que devem ser ditas para que a convocação dos orixás para o Xirê seja correta. Hoje colocamos aqui, em loruba, a ordem e as palavras básicas de um Xirê, para que para além da música, os nossos leitores possam também aprender ou reconhecer estes dizeres básicos, mas obrigatórios. Como em todos os rituais do Candomblé o primeiro a ser convocado é Exú, segue-se depois Ogum e os restantes Orixás na ordem segundo os preceitos da Nação Ketu.

A grande problemática de como trabalhar o tema da xire no candomblé é apenas uma entre as demais propostas pela SEED Pr. Assim conforme disposto no caderno pedagógico “[...] é necessário possibilitar ao educando conhecimentos não só da experiência do sagrado e também das organizações religiosas [...]”. Mas, terá o aluno maturidade para tal experiência e assim refletir acerca do ritual que lhe é demonstrado? Certamente que não. Até onde os conceitos desse tema são conhecidos pelo professor e os seus fundamentos podem necessariamente contribuir para a formação do educando ao longo de sua vida sem sua doutrinação ou a confusão de valores? Limito-me a dizer que é arriscado e desconcertante para alguns professores e também para os alunos.

Segundo Hugo de São Vitor “em qualquer ciência, portanto, devemos discernir e distinguir, sobretudo, duas coisas: primeiro, como deve ser tratada uma ciência determinada, e segundo, como os fundamentos desta ciência podem ser

³⁵ SEED, 2008a, p. 22.

³⁶ CANDOMBLÉ, 2013.

adaptados a qualquer outro campo.”³⁷ Pois os conhecimentos da filosofia são possíveis de reflexão em outras áreas, já no modelo de educação religiosa não se torna viável devido às contradições que apresenta.

Por esta razão, preterimos aqui a filosofia antes da educação religiosa. Embora alguns professores possam colocar que se existe uma certa dificuldade em se trabalhar com obras de cunho filosófico com um público tão jovem, outros também dizem que, para tanto se requer certa maturidade para a leitura de algumas obras, o que não deixa de ser uma verdade. Porém o mestre Vitorino deixa também um conselho àqueles que pretendem ensinar:³⁸

Quando, portanto, lidarmos com qualquer ciência, mas, sobretudo, quando a ensinamos, tudo deve ser resumido sinteticamente e exposto de maneira a ser facilmente compreendido, devendo bastar uma exposição quanto mais breve rigorosa possível sobre aquilo que esta sendo tratado, para evitar que, ao multiplicarmos as explicações não pertinentes, turbemos o estudante ao invés de edificá-lo.

Portanto quando ensinamos, e ainda se ensinamos crianças e adolescentes, é necessário deixar de lado toda eloquência acadêmica ou ostentação intelectual, procurando falar de modo que nos façamos entender. Os recursos audiovisuais têm suas vantagens em algumas temáticas, de outra maneira, o uso de filmes, vídeos e pesquisas eletrônicas dão a falsa ideia de que se pode ensinar sem o conhecimento dos conceitos. Tais recursos não conseguem descortinar fatos, histórias e conceitos que somente através da leitura se podem obter com excelência.

2.4 A DISCIPLINA E A DEDICAÇÃO AOS ESTUDOS.

Apesar de todo o empenho do professor em sala de aula a fim de incentivar a leitura, a escrita e a argumentação, percebe-se que muitos dos estudantes não desenvolvem tais habilidades ou conhecimentos necessários ao bom desempenho escolar. Hugo de São Vitor³⁹ destaca que o estudante deve procurar descobrir aptidões a fim de que ouça e memorize aquilo que aprendeu em sala de aula. Da mesma forma eduque tais aptidões através do trabalho e da persistência, e por fim

³⁷ HUGO DE SÃO VITOR, 2001, p. 145.

³⁸ Ibid., p. 139.

³⁹ Ibid., passim.

procure a disciplina na maneira de viver de forma harmônica com aquilo que requer o saber.

Ora sabemos que a modernidade requer de nós tempo regrado e disciplinado para cumprir boa parte de nossas atividades cotidianas. O trabalho e o estudo são cada vez mais atividades em conjunto na vida do educando e quando associados pouco tempo resta para a leitura e estudo. E mesmo quando não é o trabalho o maior entrave para o bom desenvolvimento dos estudos existe ainda o descaso e a tendência ao hedonismo⁴⁰, que remete tanto à procura discriminada do prazer quanto à doutrina filosófica que considera o prazer como o único bem possível, portanto como fundamento de vida moral.

A juventude contemporânea tende a realizar apenas atividades que lhe dão prazer. Ora a leitura é um prazer sim, mas apenas para aqueles que desde muito cedo se familiarizaram com ela. De outra forma a leitura concorre nos dias atuais com a interatividade dos jogos eletrônicos, com a comunicação das mensagens de celular, com as atualizações do *facebook* e todo tipo de entretenimento e diversão.

Quando Hugo de São Vitor nos fala acerca do que é necessário ao estudo, ressalta também o engenho natural: “O engenho é uma certa força ínsita naturalmente na alma e com capacidade própria. O engenho nasce da natureza, melhora com o uso, se idiotiza com o trabalho desmedido, se aguça com exercício moderado.”⁴¹

Nesse sentido, quer dizer que, para aprender precisamos corrigir certos desejos e vícios, muitas vezes renunciando aos prazeres momentâneos a fim de se conquistar um bem maior – o conhecimento – uma vez que essa mesma sociedade hedonista que vivemos reconhece que é através da educação, do saber e do esforço na vida escolar, é que mais facilmente se pode galgar os degraus de uma vida pessoal e profissional de sucesso.

⁴⁰ ABBAGNANO, 2003, p. 497.

⁴¹ HUGO DE SÃO VITOR, 2001, p. 147.

3 FILOSOFIA: ENTRE O INTELLECTO E O TEOLOGICO.

3.1 O INTELLECTO

Para a LDB a educação “abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.”⁴² Assim as diretrizes curriculares e também a legislação tornaram a educação religiosa, de matrícula facultativa nas escolas, parte integrante do currículo escolar. Dessa forma o Estado coloca a importância do ensino das mais variadas religiões como ponte para a transmissão de valores, morais e éticos, plurais como necessários à formação do cidadão.⁴³

No entanto quando se observa algumas temáticas⁴⁴ para o trabalho com religiões, a pluralidade se torna o cerne da questão. Ora, sabe-se que na sociedade apesar de suas transformações econômicas e sociais, ainda encontramos fortemente marcado os traços religiosos transmitidos da herança social e familiar, o que demonstra que, apesar da modernização, nossa cultura ainda tem fortes raízes religiosas. No entanto a proposta de formação das diretrizes é, sobretudo, de cunho plural enquanto que para a filosofia essa formação é de vertente intelectual.

Então como deve ser a atuação da escola pública, mais precisamente na figura do professor que, deve ensinar, sem influenciar o educando?⁴⁵ Ora esse é o desafio e onde entra a figura do filósofo com a missão de ensinar a pensar através do uso da razão. No entanto quando falamos de religião não há como não falar de fé, e nisso os conflitos e marcas impregnados em cada pessoa podem vir a tona.

Então como respeitar as individualidades e incentivar o posicionamento crítico sem cair no proselitismo? É possível encontrar esse caminho através da filosofia? Essas questões demandariam certo aprofundamento em outra pesquisa dedicada a essa questão. Por ora cabe restringir-se ao fato do caminho trilhado da filosofia para a religião, como proposto por Hugo de São Vitor.

O fator educação em sua ação humana sempre marca de alguma forma nossa visão de mundo, que pode ser através da lente de um católico ou de um

⁴² LDB 9394/96 Art. I. Da educação.

⁴³ BIACA et al., 2006.

⁴⁴ LDB 949496. Art. 33.

⁴⁵ Ibid. Art. 33.

judeu. No entanto o foco desta pesquisa está é a visão de Hugo de São Vitor, onde a teologia é o caminho para a filosofia. Nesse contexto a proposta da LDB para a educação, juntamente com as diretrizes da disciplina de ensino religioso vem se contrapor à realidade dessas duas disciplinas e a forma com a qual se concretizam no cotidiano escolar. Conforme podemos destacar:⁴⁶

Seção IV - Do Ensino Médio

Art. 35º. O ensino médio, etapa final da educação básica, com duração mínima de três anos, terá como finalidades:

I - a consolidação e o aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no ensino fundamental, possibilitando o prosseguimento de estudos;

II - a preparação básica para o trabalho e a cidadania do educando, para continuar aprendendo, de modo a ser capaz de se adaptar com flexibilidade a novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento posteriores;

III - o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico;

IV - a compreensão dos fundamentos científico-tecnológicos dos processos produtivos, relacionando a teoria com a prática, no ensino de cada disciplina.

Se a finalidade do ensino médio é aprofundar os conhecimentos adquiridos no ensino fundamental, entende-se que este deveria conter o ensino de filosofia, a fim de que os conhecimentos dessa disciplina pudessem prosseguir de forma mais aprofundada. Fato que não é proporcionado através da grade curricular.

Outro caso semelhante, porém com processo inverso na grade curricular, diz respeito ao ensino religioso, pois não há continuidade dos estudos dessa disciplina que se restringe ao 6º e 7º anos do ensino fundamental.

E por fim, a pretensão de que o ensino religioso prepare para a filosofia, é também outra ilusão diante da pretensa forma enciclopédica na qual é desenvolvida a disciplina.

Enquanto preparação para o trabalho, os quesitos disciplina e cidadania⁴⁷ fazem parte de um contexto ético e moral, que muito pouco ou quase nada se apresenta ao educando em outras disciplinas anteriores ao ensino médio, visto que os conteúdos de ética e moral são contemplados no 2º ano do ensino médio conforme as diretrizes de Filosofia.⁴⁸

⁴⁶ LDB. Seção IV. Art 35 inciso I ao IV.

⁴⁷ Ibid. Vide item II

⁴⁸ SEED, 2008b, p. 67.

ÉTICA

Pluralidade ética;
Ética e violência;
Razão, desejo e vontade;
Liberdade: autonomia do
sujeito e a necessidade das
normas.

A abordagem teórico-
metodológica deve ocorrer
mobilizando os estudantes para
o estudo da filosofia sem
doutrinação, dogmatismo e
niilismo.
O ensino de Filosofia deverá
dialogar com os problemas do
cotidiano, com o universo do
estudante – as ciências, arte,
história, cultura - a fim de
problematizar e investigar o
conteúdo estruturante Ética e
seus conteúdos básicos sob a
perspectiva da pluralidade
filosófica, tomando como
referência os textos filosóficos
clássicos e seus
comentadores.

Na complexidade do mundo
contemporâneo, com suas
múltiplas particularidades e
especializações, espera-se que
o estudante possa
compreender, pensar e
problematizar os conteúdos
básicos do conteúdo
estruturante Ética, elaborando
respostas aos problemas
suscitados e investigados.
Com a problematização e
investigação, o estudante
desenvolverá a atividade
filosófica com os conteúdos
básicos e poderá formular suas
respostas quando toma
posições e, de forma escrita ou
oral, argumenta, ou seja, cria
conceitos. Portanto, terá
condições de ser construtor de
ideias com caráter inusitado e
criativo, cujo resultado pode ser
avaliado pelo próprio estudante
e pelo professor.

Mais uma vez, podemos perceber a concepção pluralista na continuidade filosófica, incitando o professor à negação de qualquer engajamento de ideias, doutrinas ou filosofias. Mas será o professor, sob a perspectiva do ser humano, capaz de camuflar ou suspender seu engajamento, ou seu conhecimento teórico ou qualquer atitude de base análoga ao engajamento? Hugo de São Vitor nos leva a crer que um engajamento é necessário como se vê na observância da dedicação à pesquisa e assim à sabedoria.⁴⁹

O bom estudioso deve ser humilde e manso, afastado totalmente das preocupações vãs e dos ilícitos das volúpias, diligente e constante, para que aprenda com prazer de todos, nunca presuma de sua ciência, fuja dos autores de doutrinas perversas como do veneno, aprenda a refletir longamente sobre alguma coisa antes de julgá-la, não queira aparecer douto, mas sê-lo, ame os ensinamentos aprendidos dos sábios e procure tê-los sempre diante dos seus olhos como espelho do seu próprio rosto.

Para Hugo de São Vitor, a disciplina é uma forma de vida conforme nos relata no interrogatório de um certo sábio acerca do modo e forma de aprender “ Respondeu: mente humilde, esforço na investigação, vida quieta, pesquisa silenciosa, pobreza, terra estrangeira, isto costuma descortinar a muitas coisas obscuras da leitura.”⁵⁰

⁴⁹ HUGO DE SÃO VITOR, 2001, p. 159.

⁵⁰ Ibid., p. 155. [Tradução levemente alterada para melhor compreensão.]

Sendo assim a disciplina deve ser cultivada ao longo da vida do educando pois, “quase todas as forças do corpo mudam nos velhos, e, enquanto cresce apenas a Sabedoria, todas as outras decrescem”. Tal modo de vida envolve aspectos práticos relevantes, a moral sendo condição para o aprendizado a fim de que “a velhice daqueles que construíram a sua adolescência em atos honestos com a idade se torna mais doura, com a prática mais calejada, com o andar do tempo mais sábia, e recolhe os frutos dulcíssimos dos estudos anteriores”.⁵¹

Aqui encontramos a próxima contradição presente no inciso III,⁵². Se a educação visa o aprimoramento do educando como pessoa humana e ainda com uma formação ética, como essa pode ocorrer sem uma concepção ética na qual se encontre a ideia do bem, na transformação da natureza humana que não conhece valores acerca do respeito à vida, a si mesmo e ao outro? Impossível. Ao aprimorar pretendemos tornar melhor, mas a partir de qual concepção? Ora, se essa for plural, como se efetivaria tal aprimoramento sob concepções e valores que se contradizem,⁵³ uma vez que não há como entender racionalmente o que é contraditório? Portanto, se esta contradição incide no campo moral, fica-se sem meios racionais de compreendê-lo. No limite, a ideia de bem é impensável.

Por fim para examinarmos a relação entre teoria e prática de cada disciplina, tomamos por referência o pensamento de Aristóteles:⁵⁴

Se existe, então, para as coisas que fazemos algum fim que desejamos por si mesmo e tudo o mais é desejado por causa dele; e se nem toda coisa escolhemos visando à outra [...], evidentemente tal fim deve ser o bem, ou melhor, o sumo bem. [...] Em palavras, quase todos estão de acordo, pois tanto o vulgo como os homens de cultura superior dizem que esse bem supremo é a felicidade e consideram que o bem viver e o bem agir equivalem a ser feliz.

Dessa forma percebe-se na filosofia Aristotélica a busca do bem viver, traduzida na maneira de exercer a cidadania, o que na atualidade é uma proposta da educação para o desenvolvimento pleno do indivíduo.

Assim, quando se trata de um contexto educativo, muitas interpretações religiosas podem se confundir com relação ao sagrado e portanto com o bem, uma vez que se introduzem confusões facilmente dissimulando sagrado e profano, o bem

⁵¹ HUGO DE SÃO VITOR, 2001, p. 163.

⁵² LDB. Seção IV. Art 35 inciso III.

⁵³ BIACA et al., 2006, p. 22.

⁵⁴ ARISTÓTELES, 2001, p.13

e o mal. Assim confunde-se a busca da felicidade humana através da ligação espiritual, seja ela terrena ou em outra esfera temporal. Por isso ao tratar da ideia de bem é necessário o conceito singular do que é virtuoso, bom e divino, fator que não pode ser proporcionado aos educandos pela simples pluralidade.

3.2 O TEOLÓGICO

Hugo de São Vitor trata da leitura das escrituras sagradas, a fim de ensinar seus alunos acerca de como lê-las, mas também a compreender e não esquecer aquilo que se aprende: “Por isso, aconselho a você estudante, a não alegrar-se excessivamente por ler muitas coisas, mas por entender muitas coisas, e não somente entender mas poder memorizar.”⁵⁵ Esse conselho diz respeito à prática de uma vida disciplinada e voltada ao bem, uma vez que as escrituras sagradas são em sua grande parte escritos voltados a uma vida de fé e obediência.

Aquele que lê e entende os princípios contidos nas escrituras, acaba por refleti-los em suas atitudes. “Pois quando a sabedoria entrar em teu coração, e o conhecimento for agradável a tua alma, o bom siso te guardara e a inteligência te conservara; para te afastar do mau caminho, e do homem que fala coisas perversas; dos que deixam as veredas da retidão, para andarem pelos caminhos escusos; que se alegram com o mal; e folgam com as perversidades dos maus.”⁵⁶ Assim aquele que conhece as escrituras sagradas e faz sua leitura com dedicação, pode mais facilmente percorrer o caminho de uma vida voltada para o bem e distanciando-se das coisas más.

No entanto Hugo de São Vitor também incita aos escritos filosóficos, embora os compare a uma parede de barro caiado, pois muitos oferecem certa aparência da verdade por conterem em seu interior uma mistura de coisas falsas, enquanto que os escritos divinos são comparados ao doce favo, por não se contaminarem com a falsidade.⁵⁷ Adverte-nos Hugo de São Vitor acerca de alguns escritos que camuflam a verdade e não se configuram como fonte de fortalecimento da fé.

Mas a sábia instrução de Hugo de São Vitor nos leva a saber o que ler a fim de se ter uma fé fortalecida, isso deve-se ao fato de a fé se configurar entre os

⁵⁵ HUGO DE SÃO VITOR, 2001, p. 153.

⁵⁶ BIBLIA, 2002, Prov.2: 10-14.

⁵⁷ HUGO DE SÃO VITOR, 2001, op. cit., p. 169.

objetos de grande análise dos filósofos e teólogos de seu tempo e também posteriores a ele.

Em Tomas de Aquino “a fé implica o assentimento do intelecto àquilo em que se crê.”⁵⁸ Sendo assim, se alguém lê as escrituras e não tem fé a ponto de crer que seus desígnios são, portanto, obra de inspiração divina e fundamento para ação do homem na busca de uma vida virtuosa, dificilmente ira agir conforme tais preceitos.

Com efeito, segundo o mesmo filosofo “o intelecto se divide em ativo e contemplativo, pois o fim da atividade intelectual ou é o próprio conhecimento da verdade, o que diz respeito ao intelecto contemplativo; ou é alguma ação exterior e, então, se refere ao intelecto pratico ou ativo.”⁵⁹ Nesse contexto entende-se por vida ativa a busca de recursos necessários a vida. Isso encontra uma correspondência na LDB de uma educação como preparação para o trabalho.

Enquanto por vida contemplativa, aquela exercida através de atividades inerentes ao homem na procura pela verdade, oportuno para o exercício do filosofar, e o esclarecimento do que é bom como principio de ação.

Em Hugo de São Vitor “o inicio da aprendizagem está na leitura, o fim na meditação [...]”⁶⁰ de forma que são 3 os tipos de meditação:⁶¹

- O primeiro consiste no exame da conduta;
- O segundo consiste no conhecimento minucioso dos mandamentos;
- O terceiro na investigação das obras divinas.

Assim a vida pratica para Hugo de São Vitor também contém o exame da conduta que está na reflexão acerca dos vícios e virtudes. Mas toda essa reflexão só é possível quando se tem no inicio da aprendizagem atitudes morais sem a adoção das quais não é possível a continuidade dos estudos. Consciente de sua humanidade, só então após esse exame, dever-se-ia proporcionar ao educando em fase adequada, os estudos acerca das obras divinas e a sua investigação.

⁵⁸ AQUINO, 2004b, p. 53.

⁵⁹ Id., 2004c, p. 580.

⁶⁰ HUGO DE SÃO VITOR, 2001, p. 151.

⁶¹ Ibid., p. 151.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação religiosa nos moldes em que se apresenta na atualidade não está cumprindo os objetivos traçados pelas diretrizes da educação, os quais são descritos como propósitos da educação.⁶²

Quanto ao artigo 33⁶³, que se refere ao proselitismo, da mesma forma não se configura com a realidade, pois cada professor que está em sala de aula tem o seu engajamento, seja ele em alguma religião, seja no agnosticismo, ou seja ele ateu. Portanto diante da impossibilidade da suspensão de seu juízo, estar em sala e ensinar sempre irá revelar algum traço daquilo que lhe é próprio.

O que está acontecendo hoje é que a educação religiosa, tal como apresentada, está subvertendo os jovens com o pluralismo naturalizado acerca dos diversificados conceitos e valores, uma vez que cada indivíduo traz consigo uma bagagem, um questionamento acerca de sua existência, e um histórico familiar.

E o que vemos hoje em sala de aula são muitos professores, ora convencidos pela pluralidade, ora agnósticos ou ainda não conscientes do grande desafio que tem em suas mãos ao trabalhar com a problemática educação religiosa, que diante da proposta das diretrizes do Estado do Paraná juntamente com a LDB acabam por tornar inviável a educação religiosa quando analisadas do ponto de vista filosófico ético e moral.

Ora acontece que quando se trata de educação de crianças com a faixa etária entre 11 a 13 anos de idade, que correspondem ao 6º e 7º ano, diante de experiências religiosas de práticas controversas, incorremos na impossibilidade de educar e ainda no risco de desmotivar a procura de um fundamento que possa pensar a sua existência de forma filosófica, ética, moral e religiosa, enfim a busca de seu próprio engajamento. E o indivíduo sem essa percepção, possibilitada pela educação, acerca de si mesmo acerca do mundo que o rodeia, do mundo em que esta inserido, perde esse desvelar esse estranhamento⁶⁴ o qual Aristóteles disse que é necessário para a filosofia.

⁶² LDB 9394/96. Seção IV. Art. 35, inciso I ao IV.

⁶³ LDB 9394/96. Seção III. Art. 33 paragrafo único.

⁶⁴ “A admiração, o estranhamento é o modo de ver daquele para quem o filosofar é um modo de viver. Os gregos denominaram *thaumátzein* esta atitude originante do filosofar” (Aristóteles.1969. p.40).

Quando esse estranhamento do mundo não é, em seu momento oportuno, aberto em suas possibilidades para encontro do indivíduo com suas questões existenciais, corremos o risco de perder a determinação enquanto humanidade.

Nesse momento arrisco-me a dizer que muitos dos nossos estudantes não têm ou não lhes foi desenvolvida uma capacidade de engajar-se na sua própria vida no seu próprio contexto. É comum perguntarmos aos nossos estudantes: o que você está fazendo, o que você imagina o que você quer para o seu próprio futuro? Não há uma preocupação não uma busca desse vir a ser, daquilo que deseja ser. Qual é o risco? Ora alguns até podem dizer: qual a necessidade de alguém ter essas respostas? Por que se preocupar com isso? Bem essa é a proposta da LDB, deixá-los aptos ao trabalho⁶⁵ e ao exercício da cidadania, mas como desenvolver tais aptidões quando se tem indivíduos que não desejam ou que não anseiam conhecer, desprezam o sonho de se construírem como pessoas virtuosas?

Nesse contexto, a educação não se concretiza devido às contradições, aos conflitos e às questões sobre os descaminhos de formar para a vida continuarão, porque a base do esclarecimento moral está confusa, mergulhada em valores os mais diversos e incoerentes diante desse modelo de educação.

Portanto é um dever e necessidade da escola se colocar como mediadora, ser essa ponte para essa possibilidade do vir a ser, um homem, uma mulher, no seu projeto pleno, na plenitude de suas capacidades intelectuais, morais e sociais.

Essa construção só é possível mediante uma educação que se configure como passagem para tal. Mas a realidade que a construção dessa grade dispõe ao colocar a educação religiosa nos anos iniciais do ensino fundamental, no 5º e no 6º ano, que embora indique professores de ciências humanas para o exercício dessas atividades, dando-lhe como ferramenta como instrumento a seguir o pluralismo de suas vertentes, é inviável quando analisada através da proposta de Hugo de São Vitor.

Tal proposta é inversa a esse caminho proposto pelas diretrizes e pela LDB, pois em Hugo de São Vitor, a filosofia se configura no início, ou seja, ela é anterior a esse processo da educação religiosa.

Somente quando o indivíduo já encontrou esse estranhamento do mundo, somente quando o indivíduo já é capaz de fazer uma construção, procurando

⁶⁵ LDB 9394/96. Seção IV. Art. 35 inciso I ao IV.

conhecer a si mesmo através da possibilidade pela filosofia, ele é então capaz de estudar a vertente religiosa e encontrar seu engajamento.

Diante de tal quadro, a proposta conclusiva deste trabalho é a retirada da educação religiosa do ensino fundamental substituindo-a pela filosofia, ou sua passagem para os anos finais do ensino médio.

REFERENCIAS

ABAGNANO, Nicola. *Dicionario de Filosofia*: 4. ed. Sao Paulo: Martins Fontes, 2003.

ANTONIAZZI, Pe. Alberto. As religiões no Brasil segundo o censo de 2000. *Revista de Estudos da Religião*, n. 2, p. 75-80, 2003. Disponível em: <http://www.pucsp.br/rever/rv2_2003/p_antoni.pdf> Acesso em: 05 ago. 2013.

AQUINO, Tomas de. *Sobre o ensino de magistro e os sete pecados capitais*. Sao Paulo: Martins Fontes, 2004a.

_____. *Suma Teológica*. Vol V. II Seção da II Parte questões 1-56. São Paulo: Ed. Loyola, 2004b.

_____. *Suma Teológica*. Vol VII. II Seção da II Parte questões 123-189. São Paulo: Ed. Loyola, 2004c.

ARISTÓTELES. *Metafísica*. Trad. Leonel Vallandro. Porto Alegre: Globo. 1969.

_____. *Ética a Nicômaco*. Trad. Torrieri Guimarães. Martin Claret. São Paulo: 2001.

BAUMAN, Zigmunt. *Modernidade Liquida*. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2000.

BIACA, Valmir et al. *O sagrado no ensino religioso*. Curitiba: SEED-Pr. 2006.

BIBLIA, *de Estudos da Mulher*. Trad. João Ferreira de Almeida. Belo Horizonte. Atos, 2002.

CANDOMBLÉ. Disponível em: <<http://ocandomble.wordpress.com/2008/08/21/sire-orisa-xire-orixa-basico/>>. Acesso em: 16 set. 2013.

CIS. *Técnicas/Métodos de Ensino*. Disponível em: <http://cis-edu.org/pdf/T%C3%A9cnicas_%20ensino.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2013.

DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS. Adotada e proclamada pela resolução 217 A (III) da Assembleia Geral das Nações Unidas em 10 de dezembro de 1948. Art 1. Disponível em: <http://portal.mj.gov.br/sedh/ct/legis_intern/ddh_bib_inter_universal.htm>. Acesso em: 16 set. 2013.

MAIA, Marta de Campos et al. *Metodologia de ensino e avaliação de aprendizagem*. Disponível em: <http://www.abed.org.br/congresso2005/por/pdf/206tc_c5.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2013.

MARCHIONNI, Antonio. *Introdução à tradução da arte de ler*. Petrópolis: Vozes, 2001.p. 09 a 39.

MEC. *Interpretação do Artigo 33 da Lei 9394/96*. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/PNCP0597.pdf>>. Acesso em: 12 ago. 2013.

_____. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>. Acesso em 03 de julho de 2013.

MONTEIRO, Mara M. *Leitura e escrita: uma análise dos problemas de aprendizagem*. Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 2004.

NERI, Marcelo. *Novo mapa das religiões*. Rio de Janeiro: FGV, CPS, 2011. Disponível em: <http://www.cps.fgv.br/cps/bd/rel3/REN_texto_FGV_CPS_Neri.pdf>. Acesso em: 01 ago. 2013.

SEED. *Diretrizes curriculares da Educação Básica - Ensino Religioso*. Paraná, 2008a.

_____. *Diretrizes curriculares da Educação Básica - Filosofia*. Paraná, 2008b.

HUGO, de São Vitor. *Didascálicon da arte de ler*. Trad. Antonio Marchionni. Petrópolis: Vozes, 2001.

WILGES, Irineu. *As religiões no mundo*. v. 1. Petrópolis: Vozes, 1986.